

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Pelo “Sertão da Ressaca”: contribuições para a compreensão da sócio-história do Português Popular do Brasil

Along "Sertão da Ressaca": Contributions to understanding the social history of Brazilian Popular Portuguese

Jorge Augusto Alves da Silva¹
Valéria Viana Sousa²

RESUMO:

O artigo discute a história social e linguística do “Sertão da Ressaca”, destacando o município de Vitória da Conquista. A partir dos agentes constituintes da história social, os pesquisadores discutem os papéis dos índios, dos negros africanos e dos afrodescendentes na formação da variedade da língua portuguesa considerada como popular. A concordância verbal na terceira pessoa do plural é tomada como elemento linguístico que se aplica a verificar aspectos da variação linguística e as tendências de mudanças observadas no *corpus* analisado. Os pesquisadores assumem que existe uma tendência à aquisição da regra de concordância. Fatores como a saliência fônica, a natureza semântica do SN sujeito e a concordância no SN sujeito são condicionantes da aplicação da regra de concordância verbal.

Palavras-chave: Português Popular; Concordância Verbal; Sócio - história; “Sertão da Ressaca”.

ABSTRACT:

The article discusses the social and linguistic history of the “Sertão da Ressaca”, highlighting the city of Vitória da Conquista. From the constituent agents of social history, the authors discuss the roles of Indians, Africans and afrodescendents in the formation of the variety of Portuguese considered popular. A verbal agreement in the third person plural is taken as a linguistic element that applies to verify aspects of language variation and change trends observed in the *corpus* analyzed. The researchers assume that there is a tendency to acquire the rule of agreement. Factors as the “saliência fônica”, the semantic nature of the subject and the agreement in SN, those constraints are important to the application of the rule in verbal agreement.

Keywords: Popular Portuguese, Verbal agreement; Social- History; “Sertão da Ressaca”

¹Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia; Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística.
adavgstvm@gmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística.
valeriavianasousa@gmail.com

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

1 DA NATUREZA DO ESTUDO

O objetivo deste artigo é apresentar elementos sociais e históricos que possam explicar não somente a constituição populacional de uma região, mas apontar para processos linguísticos de contato, considerando os agentes envolvidos no processo de colonização e expansão urbana pelo “Sertão da Ressaca”.

Como aporte linguístico, tomaremos a concordância variável de número na terceira pessoa do plural, a fim de explicarmos as tendências de mudanças linguísticas que se observam no vernáculo de uma das comunidades de fala do “Sertão da Ressaca”. Para o presente estudo, foi escolhido o município de Vitória da Conquista (zona urbana) e a amostra foi composta por doze (12) informantes naturais, residentes e domiciliados na sede do município.

As discussões aqui apresentadas são fruto das atividades de trabalhos executadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sócio-Funcionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (*Campus* de Vitória da Conquista).

Mormente, temos que trazer informações histórico-etimológicas do termo “ressaca” aplicado à região em estudo. Conforme testemunho de Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, ressaca seria o “refluxo de uma vaga, depois de espriar ou encontrar obstáculos que a impede de avançar livremente” (CUNHA, 1986, p.679). Acrescenta aquele autor que a palavra já se encontra vernaculizada desde o século XVII. No entanto, Antenor Nascentes (1955), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, registra o termo (formado pelo prefixo re- e pelo verbo sacar), indicando que ele nada mais é do que “um puxão para trás” (NASCENTES, 1955, p. 442). Em uma abordagem usual do termo, o historiador Rui Herman Medeiros ressalta que o emprego, no caso *in tela*, advém, por percepção analógica, da topografia da região que remete ao emprego

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

popular com o sentido de ‘funda baía de mato baixo circundada por serra’, mormente usado para designar as terras existentes entre os rios Pardo e das Contas (MEDEIROS, 1988, p.7)³.

Do ponto de vista geográfico atual, o “Sertão da Ressaca” corresponde, grosso modo, a um recorte regional *intraestadual* inserido no grande semiárido baiano, recebendo nomes diversos, segundo critérios oficiais de regionalização, tais como: Sudoeste da Bahia (SEPLANTEC-BA), Região de Vitória da Conquista (IBGE) e Planalto de Conquista (IBGE).

Nosso estudo divide-se em duas seções: na primeira, são tratadas questões sócio-históricas e sociolinguísticas; e, na segunda, é apresentada uma descrição analítica do fenômeno variável da concordância verbal com elemento linguístico que aponta para tendências de mudanças no sentido à aquisição de formas de prestígio.

2 DO PANORÂMICO SÓCIO-HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DO “SERTÃO DA RESSACA”

Para recontar a história da posse-colonização do “Sertão da Ressaca”, tomaremos como base o excelente trabalho realizado por Maria Aparecida Silva de Sousa cujo livro, *A conquista do Sertão da Ressaca* (2001), tornou-se obra de referência para se discutir a presença dos agentes formadores da sociedade conquistense. Não deixamos, também, de utilizar o respeitável artigo *Território e lugar nas representações do Sertão da Ressaca, Bahia, Brasil* (2007), de Geisa Flores Mendes e Maria Geralda de Almeida (2007), bem como *Tecendo memórias: identidade e resistência indígena no Planalto da Conquista nos fins do século XX e princípios do XXI* (2011), de Renata Ferreira de Oliveira e Maria Hilda Baqueiro Paraíso.

³ MEDEIROS, Ruy H. A. Relatos da Conquista, 1988, mimeografado.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Para algumas questões que dizem respeito às ações conflituosas entre colonizador e colonizados, lançaremos mão dos achados do historiador Rui Herman Medeiros, especialmente, textos publicados no *Jornal O Fifó* (edições de 1977).

É consenso entre os autores consultados que a colonização do “Sertão da Ressaca”, onde se localiza o município de Vitória da Conquista, “significou a expulsão dos indígenas de suas terras e o desmantelamento das etnias então existentes” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2011, p.1). Além disso, os pesquisadores da história do “Sertão da Ressaca” sinalizam que houve um processo longo de “pacificação” a qual fora motivada pelos inúmeros conflitos e pela resistência dos povos subjugados.

Nesse processo de “pacificação”, destaca-se a figura de João Gonçalves da Costa, nascido em Chaves (Norte de Portugal e Galiza), *circa* segunda década do século XVIII. Sertanista, João Gonçalves da Costa adentrou pelo interior baiano, seguido por muitos outros, em busca de ouro em um momento no qual o esgotamento das Minas Gerais e o empobrecimento daquelas minas que ficavam em Rio de Contas alimentavam o sonho de encontrar abundância de metais preciosos em outras regiões da colônia.

Por que, então, destacamos a figura de João Gonçalves? Trata-se de uma figura emblemática reconhecida por sua avidez, pelo caráter destemido e pelo senso de oportunismo. A precocidade com que se tornou capitão-mor foi resultado de seu espírito conquistador por excelência e por sua notória violência ao dizimar aldeias indígenas.

Dois documentos testemunham acerca dessa natureza belicosa de João da Gonçalves. Ambos os documentos foram compilados pelo historiador Rui Medeiros, o qual fez a transcrição em estudos publicados em 1988.

O primeiro documento trata-se de uma carta, de próprio punho, do sertanista ao desembargador Francisco Nunes da Costa. Na carta, João Gonçalves afirma que “só que eu desprezo a vida e não desejo ficar mal, é que podia chegar onde cheguei” (MEDEIROS, 1977). O texto original encontra-se na Torre do Tombo e data de 1783. Como podemos ver “o

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

desprezo” a que João Gonçalves faz alusão reflete o desapego à vida e à própria segurança, em busca da pretensa riqueza renunciada no “Sertão da Ressaca”.

No segundo documento, o sertanista se revela a nós, pois, um homem de armas e de pouca negociação. Vejamos outro testemunho coligido por Medeiros:

Devo dizer a V.M. que em algumas destas aldeias se acham metidos escravos que fugiram lá debaixo e um mulato ladino que me dizem é capitão de uma das aldeias e esta foi uma das razões porque me não resolvi a fazer paz, receoso de que os ditos escravos me fizessem alguma traição vendo-me com tão pouca gente (MEDEIROS, 1977).

Do texto, facilmente, podemos ver uma situação de contato em que os agentes constituintes de nossa história social convivem pela necessidade de ocupação do espaço: índios, escravos fugidos e mulatos compunham comunidades coesas ao longo do “Sertão da Ressaca”.

Não temos dados numéricos precisos nem da quantidade nem do percentual desse contato entre os agentes, mas um ofício de uma autoridade régia (Manoel da Cunha Menezes), ainda, citando como testemunho o historiador Rui Herman Medeiros, *Jornal O Fifó*, 1977, dá-nos conta de que “havia um núcleo populacional com cerca de 60 pessoas, composto por fazendeiros, escravos (índios domesticados que viviam na condição de escravos) e uma camada social intermediárias de homens livres”. Destaca-se, naquele documento, a presença dos senhores da terra (certamente o colonizador europeu e seus herdeiros), os índios remanescentes e sujeitados e, por fim, um grupo formado por homens livres (o que nos leva a crer que possam ter sido negros forros ou mulatos com ofícios).

Chegamos a um ponto da história em que é preciso dar uma atenção maior aos verdadeiros donos da terra que foram “domesticados”, dizimados ou expulsos para que a expansão colonial se efetivasse.

Habitavam a região do “Sertão da Ressaca” três povos indígenas, a saber: os pataxós, os mongoiós e os imborés, também chamados aimorés ou botocudos. Os mongoiós

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

pertenciam ao grupo dos Camacãs e logo se aliaram aos conquistadores portugueses, já que temiam os imborés, de quem eram inimigos históricos.

A “amizade” entre os conquistadores e os mongoiós foi assim descrita em documento:

Chegando a tropa a supradita aldeia de gentios, puseram-na em cerca, e logo mandaram o língua entrar nela, levando alguns machados, foices e facas convidando-os a uma verdadeira paz e amizade, o que fez o tal intérprete com grande bizarria, confiança e eficácia, de sorte que sem a menor resistência, vieram todos aqueles índios, não como bárbaros e rústicos, mas como homens civis a receber a tropa de conquistadores como amigos, e recolhendo em suas choupanas, os socorreram de mantimentos de suas roças, sendo esta nação de gentios mongoiós, a única entre os bárbaros que vivem de trabalhar na agricultura (SILVA-DE-SOUSA, 2001, 87).⁴

Se a relação entre os mongoiós e conquistadores foi “pacífica”, o mesmo não se pode dizer do contato entre os imborés e os “desbravadores da terra”. João Gonçalves da Costa descrevia-os como “bárbaros e ferozes, sem temor do estrondo das armas e belicoso tambor” (SILVA-DE-SOUSA, 2001, p.89). De sorte que o enfrentamento aos imborés se deu com a ajuda dos mongoiós, que combateram ao lado do colonizador branco, a fim de atacarem o inimigo em comum.

Cessado o objetivo em comum (derrotar os imborés), restou aos mongoiós reivindicar os espaços que lhes cabiam, e tal prática contrariava os desejos expansionistas da Coroa Portuguesa. A alternativa escolhida por Gonçalves da Costa foi empregar o ardil conhecido como “banquete da morte”, a fim de dizimar os ex-aliados. Vejamos o que narra o príncipe Maximiliano sobre o caso:

Depois de ordenar a seus homens que tivessem as armas prontas, convidou todos os selvagens para uma festa e, enquanto confiadamente se entregavam à alegria, foram cercados de todos os lados e quase todos mortos. Depois disso os selvagens embrenharam-

⁴ Trata-se de um documento que faz parte dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, compilado do original em 1918, à página 456.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

se nas matas, e o arraial conseguiu repouso e segurança (WIED-NEWIED, 1940).⁵

Quanto aos pataxós, estes temeram a agressividade dos sertanistas e se dirigiram para o sul da Bahia, enquanto que outros se ajuntaram àqueles que sobreviveram do “banquete da morte”.

Em relação às línguas faladas pelos indígenas que habitam o Planalto da Conquista, adotaremos, por orientação de Silva-de-Sousa (2001), a seguinte classificação, baseada em Aryon D. Rodrigues:

Família	Língua	Dialeto
Kamacã	Kamacã	Mongoyó
Aymoré	Aymoré	-----
Maxacalí	Pataxó	-----

Quadro 1: Indígenas do Planalto de Conquista – Tronco Macro-jê.
FONTE: Torres, 1996, p.94, apud SILVA-DE-SOUSA.

Pouco restou da tradição e dos costumes indígenas no “Sertão da Ressaca”; no entanto, remanescentes indígenas refugiaram-se em regiões como Boqueirão (ou “Buqueirão” dos Pretos) e no Ribeirão do Paneleiro (hoje um bairro chamado de “Bruno Bacelar”). Um depoimento gravado afirma que a prática do trabalho com barro demonstra resquício de uma cultura atávica, ágrafa e familiar. Para melhor compreensão, reproduzimos o trecho da entrevista:

Fulozona era índia, morava lá em Inês⁶. Ela mandava nós panhar dos índios prá ver, prá fazer as panela, nós levava um trem pesado desse tamanhinho assim [...] era um peso, nós levava para ela oiá prá fazer. Nós pegava os caco assim fora, onde é que as índia fazia.⁷

⁵ A citação foi extraída do livro “Viagem ao Brasil” de Maximiliano Wied-Newied, edição de 1940, Companhia Editora Nacional.

⁶ A nosso juízo, cremos que a informante se refira à “Serra” de Santa Inês, região situada no distrito rural de José Gonçalves (Vitória da Conquista) dentro dos limites do Sertão da Ressaca.

⁷ A entrevista é de responsabilidade de Renata Ferreira de Oliveira e Maria Hilda Baqueiro Paraíso e constam do Arquivo da Comissão Pastoral da Terra (2008), documento utilizado como registro de negociação para reconhecimento da pertença da terra a seus antigos moradores.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

A prática de fazer objetos de barro cozido é uma tradição nos bairros periféricos de Vitória da Conquista, cuja atividade é vista como influência direta da cultura indígena que foi dizimada. Curiosamente, no entanto, o nome do mais importante município surgido no “Sertão da Ressaca”, ao contrário de outros como Itambé⁸, Anagé⁹, vai se referir à vitória do colonizador branco contra a “ferocidade do índio”: Vitória da Conquista.

É de bom alvitre esclarecer que algumas localidades do município remetem à situação do extermínio e das tentativas de resistência. Segundo o historiador Ruy Hermann Medeiros, a região da “Batalha” tornou-se uma grande fazenda, um antigo latifúndio cuja jurisdição ia do Poço Escuro (hoje reserva ambiental) até a Lagoa do Arroz e Serra de Santa Inês, estas duas últimas localizadas no distrito de José Gonçalves.

Por outro lado, não foi o índio o único agente não europeu a influenciar a cultura e a formação sociolinguística no “Sertão da Ressaca”. A presença de africanos e afrodescendentes pode ser vista por meio de documentos oficiais, como testamentos e inventários que dão conta da transmissão de herança por três gerações. Segundo Silva-de-Souza (2002), a posse de escravos revelava, de certa forma, o nível de riqueza das famílias da região, pois “ (...) certamente, o alto custo da mercadoria escravo determinava a quantidade desta mão de obra que possuíam os mais ricos da família, acima de 15, distribuídos nas várias propriedades, e os demais membros que aparecem com menos de 10 escravos” (SILVA-DE-SOUZA, 2002, p.167).

Não é possível esclarecer pelos inventários (para o nosso fim, foram consultado apenas sete) o número total dos escravos que trabalhavam na região, mas dois deles se mostram assaz esclarecedores. Tratam-se dos inventários de Josefa Gonçalves da Costa (1780-1823) e Thereza de Oliveira Freitas (1847). Neles são encontradas referências a bons serviços desenvolvidos pelos escravos, fato que se vislumbra pela prática profissional por eles desenvolvida: ferreiro, carpinteiro, oleiro, pedreiro e vaqueiro. No inventário de Josefa

⁸ O mesmo que “itaimbé” ou “també” de origem Tupi, lábio inferior.

⁹ O mesmo que “jnagé” ou “enagé” ou “anagé” designa uma ave de rapina.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Gonçalves da Costa, foram declarados trinta e nove (39) escravos, enquanto que no de Thereza de Oliveira foram declarados setenta e um (71) escravos. Como vemos, essa situação de trabalhador especializado e portador de um ofício poderia se estender aos afrodescendentes, por exemplo, na figura do “caboclo boiadeiro” que, em religiões de matriz africana, é muitas vezes representado pelo homem de cor acobreada e de cabelos curtos, enquanto que, em outras regiões do sul-sudeste, se vê o típico “vaqueiro sulista”.

Não podemos esquecer, contudo, que a presença dos africanos e afrodescendentes, também, foi marcada por processo de resistência à condição de sujeição. Em estudo realizado por nós, em 2008, na comunidade quilombola de Velame (Vitória da Conquista - BA), tivemos a oportunidade de apresentar elementos de tal conjuntura. Localizada a 50 km de Vitória da Conquista, entre duas outras comunidades quilombolas (Lagoa de Melquíades e Baixa da Porteira) está a Fazenda Velame. A comunidade constituída por 21 famílias (num total de 126 pessoas) vive basicamente da agricultura de subsistência, tendo, como principal atividade econômica, a cultura da mandioca e seu consequente beneficiamento, além do cultivo de milho e urucum. Contudo, o fabrico da farinha de mandioca, outrora artesanal e hoje mecanizada, é o que caracteriza a economia da região.

Velame teria surgido, segundo relato dos mais antigos moradores, pela ação de Benedito Fortunato França, que ali se fixara e começara a desenvolver a agricultura de subsistência. O nome da comunidade nos remete ao “velame” (uma variedade da planta *croton campestris*). Práticas encontradas em outras comunidades quilombolas, como Cinzento (SILVA, 2003), podem ser vistas em Velame: refeições coletivas e apego aos valores católicos, como a Festa dos Reis (reisado).

A história do Velame, tal qual a de outras comunidades quilombolas, foi transmitida oralmente, constando apenas poucos relatos escritos por pesquisadores. A tradição oral, de origem africana, não se limita às narrativas lendárias de antepassados, mas está ligada ao comportamento cotidiano das pessoas da comunidade. Destarte, os quilombos representavam um espaço de fuga e resistência e, conseqüentemente, de isolamento da comunidade oficial.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Nesse sentido, tal quadro social delineado corrobora com a informação prestada por Gonçalves da Costa às autoridades portuguesas, no já citado documento do final do século XVIII: o “Sertão da Ressaca” era habitado por índios de três tribos principais, bem como de escravos, quer “do eito”, quer trabalhadores especializados (vaqueiros, carpinteiros, oleiros e pedreiros), sem olvidar a presença de “mulatos” (chamados pelo desbravador de “ladinos”), destacando, ainda, outros escravos que, por não se sujeitarem, fugiam de região para região. Em síntese, o mesmo espaço de convivência nos conduz à compreensão de que uma língua comum e veicular seria usada por todos esses agentes no processo de comunicação e cooperação, no intuito de preservar um tipo de coesão grupal, mesmo que momentânea.

Descrita a condição social e linguística, será perfeitamente razoável vislumbrar uma situação de contato, considerando, nesses termos, a noção de “crioulização variável”, proposta por Baker (1982) e por Bickerton (1984). Se os falantes de línguas crioulas tiverem maior acesso a modelos da língua alvo do que outros falantes que não desfrutarem dessa exposição, certamente a variedade crioula daqueles estará mais próxima da língua alvo do que a variedade destes.

Como observa Dante Lucchesi, Baker e Bickerton, “afirmaram que a crioulização a partir de situações de contato com maior acesso aos modelos da língua alvo deram origem a crioulos gramaticalmente mais próximos da língua alvo” (LUCCHESI, 2000, p. 103). Assim, podemos falar de situações de crioulização típica em que ocorre uma reestruturação do sistema gramatical mais profunda do que aquelas situações em que o contato com a língua alvo não favoreceu a uma erosão tão acentuada que justificasse um processo mais profundo de reconstrução gramatical. E podemos falar, ainda, de situações de crioulização leve em que a reconstrução gramatical não foi necessária, por não ter havido alto grau de erosão, mas na qual há redução, especialmente no sistema flexional, obrigando os falantes a lançarem mão de outros recursos para recomporem a opacidade.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Diante de tais pressupostos, tomamos a concordância verbal na terceira pessoa do plural como fenômeno linguístico capaz de ser explicado por tal situação de contato no “Sertão da Ressaca”, discussão que será trazida à baila na próxima seção deste estudo.

3 DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO “SERTÃO DA RESSACA”: DISCUTINDO MAIS EVIDÊNCIAS

A variação na concordância verbal no português do Brasil é um fato incontestável, mas a explicação para esse fenômeno pode ser diferente, a depender da postura que o estudioso venha a assumir. A postura assumida por um pesquisador muito tem a dizer do conjunto de teorias que ele reúne para analisar o fenômeno linguístico dentro de uma comunidade de fala. A concordância verbal pode ser vista como um diferenciador das classes sociais. Essa realidade manifesta-se no ambiente escolar e fora dele, no momento em que um dos falantes do português em situação formal não aplica a regra e sofre a sanção dos que o ouvem. Além disso, o nível de aplicação da regra de concordância não é o mesmo, se tomarmos o português popular e o português culto.

No âmbito do presente estudo, trataremos da concordância verbal na terceira pessoa do plural e, para tanto, tomaremos como *corpus* doze (12) entrevistas realizadas com falantes da comunidade de Vitória da Conquista, considerando apenas os falantes analfabetos ou de formação precária, os quais consideramos, grosso modo, pertencentes ao universo do que denominamos de Português Popular.

Em consonância com estudos que vimos realizando desde 2003, pautamos nossa análise na aplicação da regra geral de concordância na terceira pessoa do plural, a fim de constataremos tendências da variação de aplicação da regra e do curso de possível mudança.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Em relação ao Português Popular, em 2012, Danilo da Silva Santos discutiu a questão, considerando vinte e quatro (24) informantes da comunidade de Vitória da Conquista. Para a presente análise, aproveitamos algumas das entrevistas feitas por Santos (2012), contudo selecionamos aquelas que mais se encaixavam no perfil desejado e acrescentamos algumas, de modo a equalizarmos as amostras que serviram à presente análise.

Das doze (12) entrevistas selecionadas, encontramos um total de seiscentos e duas (602) situações linguísticas que nos levariam a analisar a concordância na terceira pessoa do plural (formas como *ter*, *vir*, casos de concordância facultativa não foram considerados). O percentual de concordância encontrado nessa amostra foi de 29,1%, dado numérico obtido com a utilização do Programa GoldVarb3.

Como se trata de um estudo sociolinguístico, postulamos que a aplicação da regra geral da concordância verbal estaria condicionada a fatores linguísticos (posição e realização do sujeito, presença de concordância nominal no SN sujeito, tipo de marcação possível, natureza do verbo, saliência fônica e natureza semântica do sujeito) e a fatores sociais (sexo/gênero, idade e nível de escolaridade).

Discutiremos, portanto, no âmbito do estudo, as variáveis selecionadas pelo Programa, apontando para a situação linguística da realização da concordância verbal. Assim, houve a seleção da saliência fônica, da presença da concordância nominal entre os elementos constituintes do SN sujeito, a marca semântica do sujeito (+ humano, - humano) e a idade.

Em conformidade com outros estudos realizados, desde o pioneiro trabalho de Naro (1981), a saliência fônica tem se mostrado um indicativo seguro no processo de entendimento de aplicação da regra de concordância. Em nossa amostra, postulamos cinco (05) tipos graus de saliência: o nível que mostrou maior tendência à aplicação da regra geral foi justamente naquele ambiente em que a diferença entre a forma do singular e a forma do plural implicava a posição acentuada com mudança de raiz (*é/são*): (.072). Por outro lado, em situação não acentuada (construções do tipo *bebe/bebem* e *fala/falam*), encontramos a seguinte frequência de aplicação: (0.33). Nesse sentido, acreditamos que, no curso de aquisição das marcas de con-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

cordância verbal, os falantes do Português Popular tendem a perceber as formas mais salientes, incorporando-as a seu vernáculo.

Como em nosso estudo postulamos que o Português Popular tenha sua origem no contato entre línguas, o qual fez surgir uma variedade do português cujas estruturas gramaticais (como os marcadores de concordância) foram supressas ou reduzidas, acreditamos que, no momento de inserção das marcas da língua alvo, por exposição a outros grupos sociais e por ação da escola e dos veículos de comunicação, seja plausível que outras marcas atinentes às flexões ocorram concomitantemente. Tal ideia é corroborada com os dados que revelam o fato de que, ao empregar a concordância nominal entre os elementos do SN, o falante também o faça em relação ao SN sujeito e o núcleo do predicado (o verbo). Assim posto, encontramos o seguinte quantitativo de frequência: (.83).

Os dados revelaram que se o traço do sujeito for [+humano] amplia-se a probabilidade de aplicação da regra. Assim, o falante reconhece mentalmente quem pratica a ação e a relaciona à situação de concordância. Em nossa amostra, verificamos o índice de frequência de (.53).

No tocante, especificamente à variável social ou extralinguística selecionada pelo Programa, observamos uma tendência à aplicação da regra de concordância entre os mais jovens, o que, a nosso juízo, espelha uma transformação nos valores da comunidade, já que o contato com outros grupos e a ampliação de expectativas produzem um efeito sobre o vernáculo do falante: o ensejo de aproximar-se da norma de prestígio. De outro lado, tal situação aponta para um sistema pretérito em que as marcas de concordância entre o sujeito e o predicado eram menos frequentes. Considerando três faixas etárias, a saber: I (20-40), II (41-60) e III (mais de 60), o Programa revelou que os falantes da faixa I apresentam índice de (.61), enquanto os das faixas II e III, respectivamente, de (.50) e (.39).

Curiosamente, a variável escolaridade não foi selecionada pelo Programa. Entretanto, sobre ela temos que tecer alguns comentários: verificamos que, do ponto de vista percentual, a diferença entre analfabetos e poucos escolarizados não é muito significativa, ou seja, em ter-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

mos percentuais, respectivamente, 32% e 27%. Tal situação pode ser explicada ou pela falta de frequência e convivência escolar (motivada pelo trabalho sazonal ou mudanças de turnos) ou pela pouca ação que a escola exerce no ensino da língua oral, elegendo apenas a escrita como forma de “letramento” e “acesso ao mundo letrado”.

4 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS QUESTÕES PARA REFLETIR

Podemos reconhecer no Brasil a existência de duas realidades linguísticas bipolarizadas: de um lado, a norma culta; de outro, a norma vernácula ou popular. Escrever a história do português do Brasil exige que busquemos retratar essas duas realidades, procurando nelas a origem e o percurso de sua formação. Neste estudo, parte preliminar que enseja adentrar pela história social e linguística do “Sertão da Ressaca”, discutimos a formação histórica, populacional e linguística do Português Popular no município de Vitória da Conquista, tomando aplicação da regra de concordância verbal na terceira pessoa do plural como fenômeno linguístico observado.

Creemos que o Português Popular do Brasil tem sua origem ligada ao contato entre falantes de línguas diferentes que conviveram solidária e/ou conflituosamente no mesmo espaço geográfico e que mantinham relações sociais e linguísticas entre si.

A história da constituição do Português Popular perpassa pela história da formação das comunidades que se desenvolveram ao longo da construção da identidade étnico-racial e linguística do Brasil. Importante ressaltar, ainda, que mudanças socioeconômicas, as quais propiciam contatos com outros grupos que primam por valores de maior prestígio, são elementos propulsores da mudança linguística.

Investigações futuras, em andamento, certamente trarão abordagens mais aprofundadas frente às questões aqui tratadas, no momento em que outros fenômenos (bem como a ampliação do *corpus*) forem trazidos ao debate.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

REFERÊNCIAS

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MEDEIROS, Ruy H. A. Aspecto urbano *de* Conquista através da história. In: *Fifó*, Vitória da Conquista 11 de novembro de 1977. Ensaio Conquistenses, 7 - 9.

MENDES, Geisa Flores; ALMEIDA, Maria Geralda. Território e lugar nas representações do Sertão da Ressaca, Bahia, Brasil. In: *Cuadernos de Geografía*, Bogotá, n. 16, p. 39-47. 2007.

NARO, Anthony. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, v.57, n.1, p. 63-98, 1981.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

OLIVEIRA, Renata Ferreira de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Tecendo memórias: identidade e resistência indígena no Planalto da Conquista nos fins do século XX e princípios do XXI* (2011). Disponível em: <http://www.faceq.edu.br/pdf/tecendomemorias>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SILVA, Jorge Augusto Alves. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. *A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia*. Vitória da Conquista: UESB, 2001.